



ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Christian spirituality

Resumo:

O caminho da conceituação de espiritualidade é pedregoso e longo. Ao ser proferida, a palavra espiritualidade soa de várias formas, e cada ser humano atinge uma compreensão de acordo com sua cultura e experiência. Espiritualidade se define tecnicamente como a qualidade do que é espiritual, intangível, transcendente. A espiritualidade não é uma manifestação somente do cristianismo. As outras religiões e filosofias também a cultivam de acordo com suas dogmáticas. O ser humano busca certezas além do material, tangível. Diante disso, a espiritualidade é um conceito abrangente, dependendo do ponto de vista da religião ou filosofia de onde emana. Para compreender a espiritualidade em nosso tempo, suas ênfases e examinarmos o modelo bíblico, vamos tecer de forma resumida os principais aspectos históricos, filosóficos e religiosos que caracterizaram o período apostólico à atualidade.

Palavras-chave:

Espiritualidade. Experiência. Cultura. Pós-modernidade.

Abstract:

The path of spirituality concepts is stony and long. When spoken, the word spirituality sounds in any number of ways, and each human reaches a comprehension according to your culture and experience. Spirituality is technically defined as a quality of what is spiritual, intangible, transcendent. The spirituality is not only a manifestation of the Christianity. The other religions and philosophies also cultivate it according to their dogmatic. The human look for certainty beyond the material, tangible. In view of that, spirituality is a broad concept, depends on the point of view of the religion or philosophy whence emanate. To comprehend the spirituality in our time, your emphasis and examine the biblical model, let's to express briefly the main historical, philosophic and religious aspects, that characterize the apostolic period to the present time.

Keywords:

Spirituality. Experience. Culture. Postmodernity.

Considerações iniciais

O caminho da conceituação de espiritualidade é pedregoso e longo. Ao ser proferida, a palavra espiritualidade soa de várias formas, e cada ser humano atinge uma compreensão de acordo com sua cultura e experiência. Espiritualidade se define tecnicamente como a qualidade do que é espiritual, intangível, transcendente. A espiritualidade não é uma manifestação somente do cristianismo. As outras religiões e filosofias também a cultivam conforme a compreensão

construída no seu contexto social, sendo assim um conceito abrangente. Isso porque o ser humano busca certezas além do material, do tangível.

No meio cristão temos também nossa espiritualidade, que é o foco desse trabalho. Segundo Butzke¹, chamamos de espiritualidade “as formas com as quais a comunidade ou o cristão individual expressa a sua fé. [...] Espiritualidade, portanto, inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão.” Eugene H. Peterson² define a espiritualidade como sendo a “atenção que dispensamos a nossa alma, ao interior invisível de nosso viver que constitui o cerne da nossa identidade, essa alma feita à imagem de Deus que compreende nossa singularidade e glória.” Para compreender a espiritualidade em nosso tempo e suas ênfases, vamos tecer de forma resumida os principais aspectos históricos, filosóficos e religiosos que caracterizaram o período apostólico e patrística, também o período da estatização da igreja, a idade média, o renascimento e a modernidade. Sendo que dos tais dependeu a compreensão de espiritualidade, vivida naqueles tempos.

Elementos que perpassam a tradição apostólica à atualidade

Nos tempos apostólicos a igreja viveu momentos de grande fervor espiritual. A pregação da volta iminente de Cristo manteve viva a fé daqueles primeiros irmãos. O espaço onde acontecia a comunhão era basicamente as casas dos membros. Até o ano 70 d.e.c, a igreja judaica ainda tinha o templo e a sinagoga como outras duas opções. Só no século III, a igreja disporia de templos, custeados pelo Estado para suas reuniões. Lucas, nos seus escritos em Atos dos apóstolos, relata com clareza a espiritualidade da igreja centrada no Cristo ressurreto. Os capítulos 2 – 5 descreve dois sermões e duas defesas judiciais dos apóstolos, e o conteúdo tanto dos sermões quanto das defesas é o Cristo crucificado, ressurreto e assentado à destra de Deus. Esse era o centro da espiritualidade da igreja: a morte e ressurreição de Cristo. Todos os outros atos espirituais estavam em torno da fé inabalável nesse evento de Cristo. A comunhão, o partir do pão, as orações, o testemunho, só faziam sentido a partir dessa verdade. Mais tarde, Paulo escreve uma carta à igreja de Corinto explicando que a ressurreição de Cristo sustenta a fé da igreja, e que se Cristo não ressuscitou, tudo o mais é vão.

Nesse período, século I como também no século II, a igreja sofreu influências principalmente dos judaizantes e dos gnósticos. Os primeiros queriam submeter a igreja ainda recém-nascida aos ensinamentos da tradição judaica. 3 A carta de Paulo aos gálatas e outros textos dele em outras cartas, tem por finalidade corrigir o equívoco da igreja judaica, que os

¹ BUTZKE, Paulo Afonso. *Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias*. Estudos teológicos, v. 43, n. 2, 2003, p. 106

² PETERSON, Eugene H. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo: mundo cristão, 2004, p. 17

³ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p.27. Conforme o referido autor, “os grandes perturbadores do cristianismo apostólico do século II foram os gnósticos, Montano e os montanistas e o orador Cristão Celso. [...] O gnosticismo é um rótulo genérico judaico aplicado a uma variedade de mestres e escolas cristãs que existiam às margens da igreja primitiva e que chegaram a se tornar um grande problema para os líderes cristãos do século II. [...] Certa tradição do século II descreve o embate entre o discípulo João e um eminente mestre gnóstico de Éfeso por volta de 90 a.C. Cerinto talvez tenha sido um dos primeiros mestres gnósticos e perturbadores do cristianismo do final do século I. Conforme a tradição, João foi ao balneário público de Éfeso com alguns dos seus discípulos e, ao entrar, percebeu que Cerinto estava ali. Então saiu apressado de lá, sem se banhar, exclamando: “saíamos depressa para que ao menos o balneário não desabe sobre nós, pois Cerinto, o inimigo da verdade, ali se encontra”. A antipatia de João pelo mestre gnóstico Cerinto perpetuou-se com os líderes cristãos nos séculos II e III.”

cristãos gentios não deviam ser submetidos aos ritos judaicos, uma vez que o sacrifício de Cristo era suficiente pra salvação de qualquer pessoa, judeu ou não. Por conseguinte, os demais, sob influência da filosofia grega, punham em dúvida a plenitude da pessoa de Cristo numa tentativa de convencer os cristãos de que seu Senhor Jesus Cristo não era Deus encarnado.⁴

Patrística⁵

Os apóstolos saem de cena e seus discípulos, os quais chamamos de pais apostólicos da igreja [patrística] e os discípulos destes, denominados pais apologistas, respondiam às heresias através de retórica ou escrita.⁶ Eles foram os primeiros teólogos da igreja, ou seja as primeiras pessoas a interpretar o ensino dos apóstolos para a vida prática da igreja. Se do lado de dentro a igreja enfrentava o perigo das doutrinas estranhas à fé no Cristo ressuscitado, do lado de fora enfrentavam em determinados momentos dos primeiros trezentos anos, as perseguições do Império Romano, cuja figura do imperador autossacralizada competia com o Cristo que os cristãos pregavam. A espiritualidade da igreja nesse contexto se caracteriza pelo testemunho, marturion [μαρτύριον] do mártir, martus [μάρτυς], evento no qual a testemunha, marturia [μαρτύρία] diante do império e de todos reafirmava sua fé através de sua morte.⁷

No século II d.e.c, Inácio de Antioquia usou a palavra discípulo, [mathetés, μαθητής] literalmente aprendiz, para indicar a si mesmo, como para indicar que seu martírio seria a prova final de seu discipulado cristão.⁸ Em uma de suas viagens, durante a qual estava sob vigilância, soube que alguns cristãos montavam estratégia para salvá-lo. Em uma carta insistiu para que não o salvassem. “Sou o trigo de Deus e estou para ser moído pelos dentes das feras, a fim de revelar ser pão puro.” Disse mais “o cristianismo é mais grandioso quando é odiado pelo mundo.”⁹ Era essa a característica principal da espiritualidade dessa igreja. Era ensinada teoricamente e praticamente pelos mestres aos discípulos. Embora sejam valores em alguns pontos criticados, parece que esses irmãos levavam a sério a forma de viver o evangelho segundo a herança apostólica recebida. Essa entrega era o sinal do ápice da espiritualidade, pois o fiel era capaz de morrer pelo seu Senhor. O mártir é uma testemunha que testifica de Jesus na sua morte, o

⁴ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 35-38.

⁵ CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia Vol. 5*. São Paulo: HAGNOS, 2002, p.116) Segundo ele, essa é a designação dada àquele ramo da teologia (e da história) que estuda os chamados pais da Igreja cristã. Esses estudos incluem as vidas, os escritos e as doutrinas dos primeiros e mais proeminentes líderes da igreja cristã pós-apostólica. A questão tem sido dividida cronologicamente em pais ante-nicenos e pais pós-nicenos. Aqueles que viveram mais próximos dos apóstolos, do ponto de vista cronológico, têm sido chamados *Pais Apostólicos*.

⁶ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p.38, 53. De acordo com ele, “O primeiro grupo de pais da igreja que começaram responder aos hereges foi o dos pais apostólicos. Alguns chegaram a conhecer pessoalmente os apóstolos. Outros eram simplesmente contemporâneos deles. Eles formaram elos importantes com os apóstolos no período de transição do fim do século I e início do século II quando os cristãos ficaram sem os apóstolos e ainda sem o retorno de Cristo. [...] Os apologistas eram escritores cristãos do século II que procuravam defender o cristianismo contra oponentes pagãos como Celso”.

⁷ VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. *Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1020, 1021.

⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia Vol. 2*. São Paulo: HAGNOS, 2002, p. 181.

⁹ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p.45

discípulo caminhava com seu mestre e senhor e por fim fazia a prova final que consistia no martírio.

Policarpo, outro cristão daria sua vida por Cristo algumas décadas depois de Inácio. Segundo a história, o mesmo teria sido discípulo de João. Em seu martírio foi instado para jurar pela alma de César, que naquele período era o imperador Marco Aurélio, e renegar a Cristo. Com brandura respondeu: “Tenho-o servido durante oitenta e quatro anos, e nunca Ele me fez mal. Como posso eu agora blasfemar contra o meu rei e Salvador?”¹⁰ Ainda entre esses cristãos temos jovens e crianças como Perpétua de 22 anos e Cirilo que no máximo seria um pré-adolescente. Ambos, entre muitos outros irmãos, cujos registros contém nos anais da história da igreja, trazem a luz o que era a inabalável fé que os cristãos cultivavam desde a mais tenra idade.¹¹ Esses crentes realmente levavam a sério a imitação de Cristo em seu sofrimento. O testemunho, ou o martírio era entendimento dessa igreja de que foram chamados para imitar a Cristo, não só na sua glória, mas também no seu sofrimento.

A necessidade de se definir o cânon do novo testamento é resultado de uma reflexão da igreja concernente aos mártires. O confuso cânon de Marcião, o uso de livros pseudoepígrafes e o edito de Diocleciano em 303 d.e.c, levaram a igreja a uma decisão. O imperador Diocleciano em sua perseguição aos cristãos determinou o martírio das pessoas que possuíssem nem que fosse um único livro religioso. Assim era necessário estabelecer quais livros eram inspirados por Deus. As pessoas iriam morrer por qualquer livro sem terem certeza se o mesmo era digno de credibilidade e martírio? No sínodo de Cartago em 397 d.e.c, a decisão do sínodo de Hipona (393 d.e.c) sobre os vinte e sete livros do Novo testamento foi aprovada de maneira oficial. Transcorreram quatrocentos anos até a aceitação do cânon do Novo testamento.¹²

Além do martírio como sinal da mais profunda espiritualidade, a igreja desse período guardava um outro valor através do qual também testemunhavam e defendiam sua fé, que era o conhecimento de Deus aliado à profunda devoção. Os pais da igreja entendiam a teologia e a espiritualidade como sendo uma só manifestação da fé. Segundo os estudiosos desse tema,¹³ não havia separação entre a teologia e a oração, entre conhecimento e relacionamento. Teologia e espiritualidade eram sinônimas. Logo, o teólogo era alguém que conhecia a Deus mais do que os outros indivíduos e cultivava sua espiritualidade na prática de sua teologia. Ricardo Barbosa¹⁴ pontua que:

É neste período que encontramos os santos da igreja. Até o século XVI, o teólogo e o santo eram uma coisa só. Não havia distinção entre eles. O teólogo era um sábio, alguém cuja experiência e intimidade com Deus havia conferido um grau de integridade, devoção e santidade que o levava a falar de Deus com autoridade. Portanto, o pressuposto básico para um teólogo era que fosse um convertido, que conhecesse a Deus e gozasse de íntima comunhão com Ele.

Os movimentos monásticos do terceiro século d.e.c influenciaram a igreja que viveu o período da queda de Roma (entre séc. IV e V) até o século VIII, sugerindo modelos e conceitos de espiritualidade. A estatização ou Constantinização da igreja ocorrido a partir do ano 313 d.e.c foi

¹⁰ KNIGHT, A. E. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983, p. 24.

¹¹ KNIGHT, A. E. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983, p. 30, 31, 42,43.

¹² EPOS. *Bibliologia*. Joinville - SC: Faculdade Refidim, 2007, p.48-50.

¹³ SOUSA, Ricardo Barbosa de. In: BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 17.

¹⁴ SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2004, p. 17.

marcado pela liberdade concedida aos cristãos para viver sua fé, sendo que o cristianismo torna-se a religião oficial do império. Diante disso, alguns cristãos sentiam um peso na consciência pelo fato de não haver perseguição, temiam a frouxidão religiosa e o esfriamento da fé, herdada da igreja de Atos dos apóstolos. Se o império romano não derrotou a igreja pela perseguição, agora o faria pela liberdade de expressão. Ricardo Barbosa de Sousa¹⁵ assinala que “uma das preocupações dos pais do Deserto era a ausência do martírio e sofrimento que a tranquilidade constantiniana havia criado. O sangue dos mártires sustentava a integridade dos cristãos e do evangelho [...]”

Nesse contexto, o movimento dos monges vem resgatar, mesmo que com alguns exageros, a espiritualidade vivida pela igreja dos apóstolos. O jejum, o estilo de vida minimalista, abstinência de alimento e atividade sexual, silêncio, oração, meditação da escritura, eram alguns dos exercícios espirituais praticados por essas pessoas que se retiravam. Essa vivência cristã é o que chamamos de espiritualidade do deserto. Entre os séculos III e XV, os desertos e lugares solitários do Egito, Síria e Palestina, foram visitados por homens e mulheres motivados a buscarem uma vida santa. Frases bíblicas como “tomar a cruz e seguir Jesus,” “esmurrar o corpo e reduzir à escravidão,” foram interpretadas ao pé da letra.

O legado da idade média em termos de teologia e espiritualidade só é bem entendido pelo contexto. O período compreendido entre o século V e o final do XV é o que conhecemos por período medieval. O império romano do Ocidente tenta sobreviver por meio de novas estruturas, mas não subsiste em si mesmo. Hilário Franco Júnior¹⁶ fala da resiliência do moribundo império diante da sua queda a começar pelo “caráter sagrado da monarquia, a aceitação de germanos no exército imperial, a petrificação da hierarquia social, o crescente fiscalismo sobre o campo, o desenvolvimento de uma nova espiritualidade que possibilitou o sucesso cristão”. Agora o conhecimento, o poder político e religioso como um todo, no mundo ocidental era um monopólio da igreja. Os príncipes e reis tinham pouca ou nenhuma autonomia política. Quem pensasse diferente da opinião oficial, era tido como herege e excomungado.

A escolástica, já nos fins da idade média, fará os primeiros cortes do cordão umbilical que une teologia e espiritualidade. Assim, “Tomás de Aquino, no século XIII, passa a distinguir o conhecimento de Deus, que surgia do amor e da relação com o criador, daquele que era propriamente científico e dogmático”¹⁷ A partir de então, passa-se a perceber que não precisa ser santo pra ser teólogo. A academia e a espiritualidade se tornaram duas experiências distintas.

O Renascimento e a Modernidade

O renascimento resgata os valores da antiguidade clássica. E no seu discurso antropocêntrico e hedonista, o humanismo se apresenta como o deslocamento do centro que estava no divino, para o humano. As artes assim expressam a mentalidade greco-romana de que o homem se torna deus e deve satisfazer todos os seus desejos. O renascimento fornece a base sobre a qual a modernidade fundamenta sua doutrina, isto é, o homem como o centro do universo. A expressão das artes em geral e da literatura aponta o personagem ser humano como o ator principal do universo. Artistas como Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Rafael, Botticelli,

¹⁵ SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2004, p. 117.

¹⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.15.

¹⁷ SOUSA, Ricardo Barbosa de. In: BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 17.

Shakespeare, são alguns dos expoentes do renascimento italiano e inglês. Para eles a idade média era período infrutífero quanto ao conhecimento e deveria ser deixada no esquecimento. O que tinha valor mesmo era o que os gregos legaram. É a partir dessa revolução cultural que o ideal grego de homem perfeito se torna evidente nas obras produzidas nesse período.¹⁸

Nesse ambiente floresce a reforma protestante, que estrutura sua doutrina na justificação pela fé e no sacerdócio geral de todos os crentes. Na comunidade protestante, qualquer membro tinha acesso à leitura bíblica e oração sem a mediação da igreja. A palavra de Deus no culto tinha um valor supremo tendo Cristo como centro. Essa é a base da espiritualidade reformada, e Lutero submete a prática da piedade medieval a essa compreensão teológica. A prática espiritual Luterana é exercida no culto e no ambiente familiar. Sendo que essa prática de espiritualidade luterana era proporcionada pela vida comum das pessoas e organizada pelo ritmo da natureza. O limite diário do trabalho humano era ditado pelo nascer e pôr do sol. Assim as famílias organizavam seus momentos de comunhão de forma disciplinar, como também a comunidade no espaço eclesiástico. Butzke¹⁹ salienta:

Temos, pois, nove elementos básicos que perfazem a riqueza da espiritualidade evangélico luterana: o culto, os sacramentos – batismo, confissão e santa ceia – apomênica fraterna, o hino evangélico (hinário), a leitura bíblica, a oração (livros de orações), o Catecismo Menor (doutrina elementar). A partir desta praxis, cada cristão e cada família luterana tinha a tarefa de estruturar a sua politeia pessoal e familiar e sua meditação particular (krypte melete).

Na realidade os movimentos que sugerem uma espiritualidade independente dos dogmas católicos, surgem nessa época ao mesmo contexto. Alguns exemplos como os cristãos morávios (1457) que era uma união dos Valdenses e alguns seguidores de João Huss e seguiam ideias de Wicliffe, reformador Inglês. Em 1560 surge dentro da igreja Anglicana na Inglaterra o movimento Puritano, cujo desejo era que sua igreja fosse “purificada dos aspectos litúrgicos católicos, buscando padrões mais elevados de prática pastoral e santidade de vida.”²⁰ Como também dentro da mesma igreja Anglicana em 1652 o movimento Quaker e no início do século XVIII os Wesleyanos.

Apesar de manterem em sua raiz os rudimentos da fé de Martinho Lutero, as vertentes da fonte protestante tomam outras formas para sobreviver as nuances do contexto. Assim o movimento protestante, que por um tempo sufocou o humanismo, foi questionado. A crise na Europa desse período consistia na desestruturação política e social. O regime absolutista, cuja doutrina dava plenos poderes ao governante, entrava em descrédito pelo fato de impor controle sobre as igrejas (confessionais) e gerir um modelo econômico em falência. A população empobreceu e a guerra dos trinta anos devastou principalmente a Alemanha. Surgiram movimentos contra o domínio do estado sobre a religião e o cristianismo foi profundamente questionado pela crise. As pessoas estavam desesperançadas, o catolicismo e o protestantismo foram vistos como religiões da angústia e sofrimento. Assim relata Dr. Joachim H. Fischer²¹ na introdução de *Pia Desideria* descrevendo o contexto social do movimento pietista: “As verdades tradicionais da fé foram postas em dúvida. Moral e costumes foram pervertidos. Essa crise de

¹⁸ GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.90,91.

¹⁹ BUTZKE, Paulo Afonso. *Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias*. Estudos teológicos, v. 43, n. 2, 2003, p. 14.

²⁰ EPOS. *História da Igreja*. 3ª ed. Joinville - SC: Faculdade Refidim, 2007, p.169.

²¹ SPENER, Phillip Jacob. *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*. Curitiba: Encontrão Editora, 1996, p. 9, 10.

valores determinou os rumos do cristianismo entre a reforma do século XVI e o iluminismo do século XVIII.”

É nesse ambiente de incertezas e dúvidas que nasce o movimento Pietista na Alemanha. Movimento que pretende em certo sentido reavivar os ensinamentos de Lutero. O pastor Philipp Jacob Spener acreditava que a Igreja, a teologia e a espiritualidade luterana haviam se tornado meramente religião. Constatou que a vivência prática da vida cristã perdera a essência da justificação pela fé e muitos luteranos ainda não apresentavam sinais de renascimento em Cristo. Em *Pia Desideria*²² ele coloca em dúvida todas as práticas cristãs da igreja de seu tempo e confronta com os ensinamentos de Lutero, propondo um retorno aos princípios que acalentaram a reforma em 1517. As propostas de Spener perpassam pela pregação fervorosa da palavra nos cultos, e pelo amor comunitário que ardia no coração da igreja primitiva. Incentivou o estudo da Bíblia no ambiente doméstico e um ensino teológico mais piedoso, para que o mesmo fosse aplicado à vida cristã diária. Os crentes pietistas enfatizavam a função do Espírito Santo como iluminador da Bíblia e sobre a prática de boas obras como expressão da autêntica espiritualidade.

É importante ressaltar que ao mesmo tempo que o cristianismo está em processo de reforma e renovação constantes, se desenvolve o pensamento moderno, que vai emoldurar todos os conceitos de espiritualidade discutidos pelas diversas vertentes do catolicismo e do protestantismo. Ao escrever sobre a mente moderna e o projeto do Iluminismo, Grenz²³ destaca que:

O otimismo iluminista, juntamente com o enfoque dado à razão, intensifica a liberdade humana. São suspeitas todas as crenças que pareçam reduzir a autonomia ou que se baseiam em alguma autoridade externa e não na razão (e na experiência). O projeto do Iluminismo compreende, em grande parte, em termos individuais. Na verdade, o ideal moderno defende a autonomia do eu, o sujeito autodeterminante que existe fora de qualquer tradição ou comunidade.

O fim do domínio da igreja na cultura do ocidente foi a grande celebração do iluminismo. A espiritualidade e a teologia sentiram modificações na sua estrutura milenar. A filosofia desse tempo vai influenciar e muito a espiritualidade das pessoas. O natural toma o espaço de domínio do revelado e o homem já contém em si mesmo todo o conhecimento que precisa pra viver sem interferências divinas. O universo era ordenado e a razão podia por si só desvendá-lo. A ciência com os métodos adequados era suficiente para chegar ao conhecimento do ser humano em si e do ambiente com o qual se relaciona. “A idade da razão trouxe um status de maior envergadura para os seres humanos, bem como uma estima elevada das capacidades do homem. Ela substituiu Deus pela humanidade e a colocou no palco da história como personagem principal.”²⁴ Esses aspectos evidenciam o que se chama de *religião iluminista*.²⁵ Deus, para o qual as catedrais góticas medievais apontavam, tinha se ido e deixado os homens autorresponsáveis. Nesse sentido, Grenz assinala que:

Cada vez mais, os cientistas e os teólogos também passavam a diferenciar dois tipos de religião – natural e revelada. A religião natural implicava a existência de um conjunto de verdades fundamentais (normalmente, acreditava-se na existência de Deus e num corpo

²² SPENER, Phillip Jacob. *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*. Curitiba: Encontro Editora, 1996, p. 9, 10.

²³ GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.16.

²⁴GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.94.

²⁵ GRENZ, 2008, p. 107-110.

de leis morais universalmente aceitas) as quais, presumia-se, todos os seres humanos tinham acesso por meio do exercício da razão. A religião revelada, por outro lado, acarretava a existência de um conjunto de doutrinas especificamente cristãs derivadas da Bíblia e ensinadas na igreja ao longo do tempo.²⁶

Em decorrência deste enfoque, um indivíduo moldado sob a égide iluminista não negava Deus em sua existência. Cria que Deus pôs ordem na casa e deixou aqui nesse plano um ser com capacidade suficiente para viver sozinho. Portanto, se retirou sem mais interferir nos pensamentos e decisões dos homens. Um ateísmo deísta, onde vive-se como se Deus não existisse.

O pensamento e a espiritualidade do mundo contemporâneo

O tempo passou e a Pós-modernidade encarregou-se de ruir o edifício construído pelos filósofos do século XVII e XVIII. As duas grandes guerras, conflitos políticos, econômicos, étnicos, movimentos sociais, corrida armamentista, guerra fria, queda do muro de Berlim, *perestroika* e *glasnost*, e demais eventos do XX, puseram fim às certezas estruturadas nas doutrinações iluministas. Se a era moderna ofereceu culto à razão, a pós-moderna constrói um altar à informação. A era moderna no avanço científico, produziu bens e serviços, a pós-moderna, informações. Grenz²⁷ aponta que:

Muitos historiadores rotulam a era moderna de “era industrial”, porque foi um período em que predominou a manufatura. Concentrando-se na produção de bens, a modernidade produziu a sociedade industrial, cujo símbolo era a fábrica. A era pós-moderna, diferentemente, enfatiza a produção de informações. Estamos testemunhando a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade de informações, cujo símbolo é o computador.

A partir desse estudo, pode-se constatar que o ambiente pós-moderno tem novos atores, com outro modo de pensar, outros valores, outros anseios e outra espiritualidade dependente dessas novas características. A respeito do surgimento do termo pós-modernidade, Grenz²⁸ considera que há consenso quanto à época, apontada como a década de 30 na literatura espanhola, justamente para apontar uma reação dentro do modernismo. Assinala também que o primeiro uso do termo, é atribuído mais vezes a Arnold Toynbee, um historiador inglês, pregador da era pós-moderna como um fim ao domínio ocidental, declínio do individualismo, do capitalismo e do cristianismo.

Essa era pós-cristã se caracteriza pela pluralidade de verdades, pelo ecletismo, também pela diversidade. E para esse pluralismo, observável nas práticas sociais, a verdade não é mais de caráter universal. As pessoas pós-modernas discernem ou elegem a verdade dentro do seu próprio grupo. O que é verdade aqui, pode não ser na próxima cidade ou estado. É a verdade dentro do seu contexto cultural. Logo, poderes totalitários reivindicadores de submissão em massa, detentores de ideologias contidas de verdades absolutas, centralizadores, não subsistem diante do vento das ideias e movimentos sociais do século XXI. Pode-se considerar que a “verdade pós-moderna tem a ver com a comunidade de que participa o indivíduo. Uma vez que são muitas as comunidades humanas, necessariamente serão muitas também as diferentes verdades.”²⁹ A diversidade de ideologias, teologias, discussões, verdades, gostos e opiniões exige leveza, rapidez

²⁶ GRENZ, 2008, p. 106, 107.

²⁷ GRENZ, 2008, p.33.

²⁸ GRENZ, 2008, p. 30, 31.

²⁹ GRENZ, 2008, p.29.

no trato das questões sociais e particulares do indivíduo. Tudo o que é pesado, grande, volumoso, profundo, vagaroso, tende a ser rejeitado. Não há algo de profundo que procurar abaixo da superficialidade. É possível que haja outra superfície. O passado não importa e o futuro é impensável. O que interessa é a vantagem que se pode adquirir agora. O conceito de verdade depende dessa vantagem. A respeito disso Bauman³⁰ explicita:

Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm que estar “constantemente em contato”), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. [...] É difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade. Também é difícil conceber a moralidade indiferente às consequências das ações humanas e que evita a responsabilidade pelos efeitos que essas ações podem ter sobre outros. O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido.

A partir dessa observação, o indivíduo exige que seus desejos sejam atendidos do ponto de vista da diversidade. O que se propõe no templo do consumo são várias marcas e dentro das marcas, várias linhas, várias formas de pagamento, pra todos os gostos e sentidos. A fluidez do padrão, as mudanças constantes, a aversão ao mesmo de sempre, a avidéz por novidades, um rótulo novo, o mercado dentro de casa via internet, recicláveis em vez de duráveis, são exigências mínimas da sociedade atual.

Por essas vias também transitam os relacionamentos humanos, que são cada vez mais dependentes dos interesses envolvidos. A estrutura familiar indissolúvel não resiste aos apelos da era presente. O número de divórcios implica em pensar que talvez amor à toda prova é um produto da antiga sociedade pragmática, e o hedonismo exige que se visite a prateleira do prazer de vez em quando em busca de novidades. A distância entre pais, filhos, avós, advinda não só desse momento, mas também das exigências da vida confortável financeiramente, faz com que os relacionamentos outrora resguardados como tão saudáveis para o ser humano sejam imprevisíveis como o mercado. É o que Bauman³¹ chama de “enfraquecimento e decomposição dos laços, das comunidades e das parcerias”. A parceria ou oposição depende dos ventos da política. Depende dos recursos financeiros providos das empresas e instituições que recebem promessas de futuros benefícios em troca de apoio. Os laços duram enquanto as regalias originárias durarem. “Laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, [...]; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo.”³² Os inimigos se tornam amigos e vice-versa dependendo das condições circunstanciais, seja na política ou na religião. Pessoas são números, num jogo através do qual são induzidas a pensar que estão sendo beneficiadas nessa relação.

Poder x amor: a espiritualidade na vivência comunitária cristã

A espiritualidade numa experiência comunitária requer reflexão nesse contexto. As páginas neotestamentárias parecem dar mais estímulo à vida em comunidade, sendo que a ética individual reflete na comunitária. O pastor Eduardo Rosa Pedreira³³ escreve com desenvoltura

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.149.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.187.

³² BAUMAN, 2001, p.187.

³³ In: BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 293-307.

sobre a comunhão com o Santo na comunhão com os santos. Segundo ele, “a espiritualidade cristã tem sua origem e plenitude em um Deus relacional.” A comunidade é o espaço onde nos encontramos com Deus e com o outro. “A experiência comunitária nos ajuda a vivenciar a experiência única da reconciliação.”³⁴ Sousa³⁵ nos ajuda a refletir sobre esse texto esclarecendo que muitos de nós deseja ter poder para transformar pedras em pães, alimentar os famintos, amparar os velhos, amenizar o sofrimento das crianças. Diz o autor que “o fato é que Deus não nos vocacionou para o poder, mas para o amor. O poder corrompe as relações fraternas. Amor e poder nunca caminham juntos. Optamos por um ou por outro, nunca pelos dois.” Todo o viver e ensino de Jesus foi em amor.

O amor só é amadurecido na fraqueza, nas dificuldades, nas carências, na impotência, pois são as pessoas nessas condições que querem estar juntas, que perdoam, que crescem em graça. Nelson Kilpp³⁶ interpreta com maestria o conceito de amor que Jesus ensinava aos discípulos. Amor esse partindo da justiça. Segundo ele:

A justiça dos discípulos deverá ser “melhor” do que a dos fariseus. Isso não quer dizer que os cristãos devem ser mais zelosos pelo cumprimento de todos os detalhes da lei transmitida nos Testamentos. Provavelmente seria impossível superar o zelo e o cuidado que os fariseus tinham pela lei. A nova justiça dos seguidores de Cristo deve ser qualitativamente “maior” que a dos fariseus, pois terá como fonte o amor. [...] O amor não é apenas um sentimento subjetivo e transitório. O amor também não é apenas uma forma social das pessoas satisfazerem suas necessidades e carências físicas, antropológicas e psicológicas. Amor tampouco pode ser confundido com o apego às coisas e pessoas que prezo e que me são valiosas. Se é que é possível definir o que se entende por amor na Bíblia, diria que é, acima de tudo, um comportamento que busca a vida plena para as pessoas.

É justamente aqui que se torna impossível desvincular espiritualidade e experiência comunitária. O que vemos no evangelho é uma espiritualidade que inicia e termina no Deus trinitário, que é o exemplo mais perfeito de individualidade e comunidade. Nas palavras do pastor Eduardo Rosa Pedreira:³⁷

Tendo a espiritualidade cristã seu ponto de partida e seu ponto de chegada em um Deus trinitário, cuja essência é relação, não pode ser vivida no fechamento egoísta que nos isola e aliena em relação aos outros. A Trindade exige uma comunidade. Mais ainda: é através da experiência relacional na comunidade que podemos apreender, embora parcialmente, como se dá o mistério trinitário. É nos desafios da experiência comunitária que o rosto do Pai, do Filho e do Espírito Santo se revela a nós.

O que Jesus propõe na sua prática espiritual, é vencer a tentação de tirar vantagens pessoais em detrimento da comunidade. Os dons de Deus são conferidos para edificação do corpo no seu todo e não somente para benefício de um indivíduo. “Os dons não foram dados para a autopromoção, mas devem servir para o louvor a Deus e edificação de toda a comunidade.”³⁸ De acordo com os apóstolos, a igreja de Cristo recebe poder através dos carismas. Mas esse poder é fragmentado, dividido, compartilhado, democrático:

³⁴ In: BOMILCAR, 2005, p. 302.

³⁵ SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2004, p. 146.

³⁶ KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para... Orar; praticar a justiça; cuidar da criação; acolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 33.

³⁷ In: BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 298.

³⁸ KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para... Orar; praticar a justiça; cuidar da criação; acolher o outro; compartilhar*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 96.

Na comunidade cristã, os dirigentes não dominam, mas, como todos os outros membros, prestam um serviço. A palavra de Jesus (Marcos 10.37-44), no entanto, não quer abolir a direção dentro da igreja. O apóstolo Paulo considera cargos de direção na igreja como dons do Espírito Santo (Romanos 12.8; 1 Coríntios 12.28). Como instituição humana, a igreja e a comunidade necessitam de liderança e direção. Mas a direção não deve ser usada para dominar. [...] O encontro comunitário era, portanto, um constante compartilhar.³⁹

Nos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, os dons e talentos começam no contexto individual, mas devem ter um fim comunitário. Caso contrário será um exercício de poder centralizado tirânico, que se corrompe e se degenera, e não de amor. Portanto, a espiritualidade bíblica é o exercício do amor que estende suas raízes através dos dons atuantes na comunidade.

Considerações Finais

Desde o nascimento até a morte, o ser humano busca saber compreender o que há no universo além dele mesmo. Os meios dessa busca são variados. Uns, através da mística, outros, da matéria e há os que buscam no niilismo, esses crendo no “nada”, também, em busca de sentido no “nada,” embora não admitindo essa busca de sentido. Na realidade estamos em busca de eternidade, pois a morte ainda é nosso inimigo tenebroso. E nessa busca pela eternidade, somos impelidos a procurar o belo, o perfeito, o que nunca murcha, não se desintegra e que de preferência seja maior que nós. A espiritualidade cristã bíblica, cultivada em comunidade, nos estimula a um encontro com o “Ser,” no lugar de onde viemos. Só “Nele,” o homem recupera a sua identidade perdida e se torna humanamente completo. A cada dia, Jesus, o humano mais perfeito que existiu, através de sua cruz, assume nossas imperfeições nos agraciando com sua justiça. Nos tornamos justos pela justiça “Dele”. Em Cristo, o homem alcança a plenitude do seu ser outrora em queda. “Em Cristo, este momento fugaz ganha dimensões de eternidade. Em Cristo, todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra, encontram seu significado e apogeu.”⁴⁰ Viemos de Deus e voltaremos para Ele. Esse é o caminho espiritual do discípulo de Cristo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias. *Estudos teológicos*, v. 43, n. 2, 2003.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia Vol. 2*. São Paulo: HAGNOS, 2002.
- _____. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia Vol. 5*. São Paulo: HAGNOS, 2002.
- EPOS. *Bibliologia*. Joinville - SC: Faculdade Refidim, 2007.
- _____. *História da Igreja*. 3ª ed. Joinville - SC: Faculdade Refidim, 2007.

³⁹ KILPP, 2008, p. 99,101.

⁴⁰ GONZÁLEZ, Justo L. *Desafios do século XXI para o pensamento cristão: esboços teológicos*. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 176.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade média: nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GONZÁLEZ, Justo L. Desafios do século XXI para o pensamento cristão: esboços teológicos. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 176.
- GRENZ, Stanley J. Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- KILPP, Nelson. Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para... Orar; praticar a justiça; cuidar da criação; acolher o outro; compartilhar. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- KNIGHT, A. E. História do Cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.
- OLSON, Roger E. História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- PETERSON, Eugene H. Espiritualidade subversiva. São Paulo: mundo cristão, 2004.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. O caminho do coração: ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã. Curitiba: Encontro, 2004.
- SPENER, Phillip Jacob. Mudança para o Futuro: Pia Desideria. Curitiba: Encontrão Editora, 1996.
- VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1020, 1021.